

16º

COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE
DE 09/09 A 13/10 DE 2021

O ENSINO DA MODA COMO ARGUMENTO SEMIÓTICO PARA A EMANCIPAÇÃO FEMININA

Teaching fashion as a semiotic argument for female emancipation

Lopes, Maria Teresa; PhD; Universidade Federal de Pernambuco, teresa.lopes@ufpe.br¹

Vasconcelos, Rauany Natércia Freire de; Universidade Federal de Pernambuco;
rauany.natercia@ufpe.br²

Dionisio Tito de Barros Neto; Universidade Federal de Alagoas, dionisio.barros@ufe.br³

Resumo: o presente artigo apresenta uma discussão introdutória sobre como a formação do olhar de estilistas mulheres – Chanel, Lanvin, Schiaparelli e Vionnet – e como ela esteve presente e acompanhou os processos de emancipação feminina no início do século XX e como esse conteúdo possibilitou um campo de significação mais amplo para o ensino da disciplina de História e Estética dos Estilistas na Universidade Federal de Pernambuco – Campus Agreste.

Palavras chave: ensino de moda; semiótica; emancipação feminina.

Abstract: this article presents an introductory discussion on how the formation of the look of women stylists - Chanel, Lanvin, Schiaparelli and Vionnet - and how it was present and followed the processes of female emancipation in the beginning of the 20th century and how this content enabled a field of broader significance for teaching the discipline of History and Aesthetics of Designers at the Federal University of Pernambuco - Campus Agreste.

Keywords: fashion education; semiotics; female emancipation.

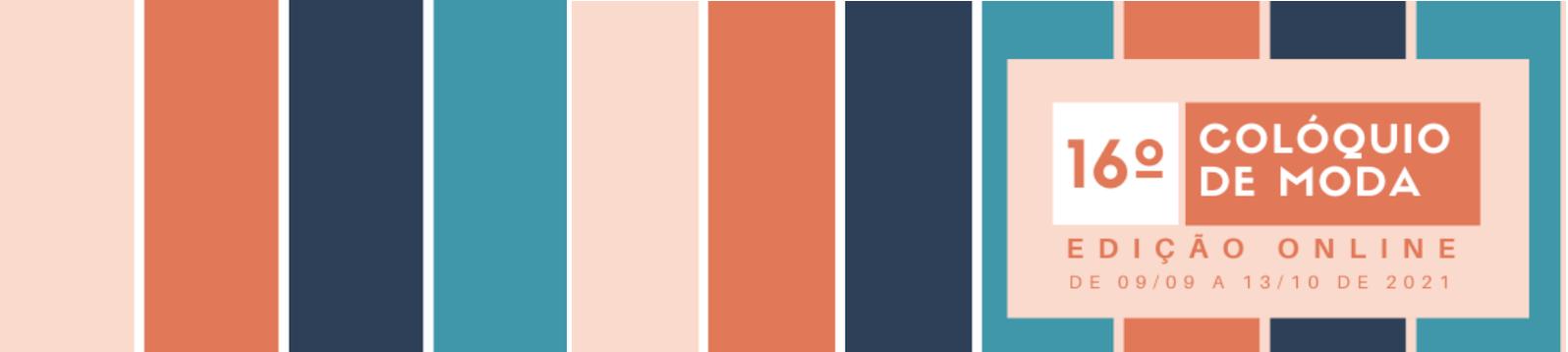
Introdução

¹Pós-doutorado em semiótica pela Université Sorbonne, Paris 1 (em andamento). Doutora pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), com Sanduíche na Université Sorbonne, Paris 1. Pesquisadora nas áreas de Formação do Olhar, Semiótica e Sociologia aplicadas as discussões sobre a mulher, a moda e o design.

² Estudante de Comunicação Social pela Universidade Federal de Pernambuco no Campus Acadêmico do Agreste. Possui grande interesse no ramo de mídias sociais, principalmente na área de moda.

³ Graduado em Design pela Universidade Federal de Pernambuco, Graduando em Licenciatura de História pela Universidade de Pernambuco (UPE) e Mestrando em História pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL).





16º

COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

Este artigo versa sobre como a moda, sendo linguagem e discurso para os corpos e gêneros, e um importante fenômeno no processo de desenvolvimento da comunicação social e de significação nas sociedades pós-modernas, funcionou como um dos discursos visuais⁴ vigentes para o fomento dos processos de emancipação feminina, ao longo do tempo. Este estudo aprofunda a pesquisa iniciada e publicada⁵ em 2016, cujo objeto de estudo tratou de compreender como se organizou a emancipação feminina, tomando duas vistas como lócus para nossas observações: a aparência do que era dito feminino – a partir de imagens de moda – e o olhar dos estilistas selecionados, obedecendo a um recorte temporal que vai dos primórdios da alta costura (1870) até a explosão Japonesa nas passarelas nas décadas de 1970/1980.

No caminho para o aprofundamento, assim, toma-se como fundamentos epistemológicos uma base histórica⁶ e sociológica⁷ que permite compreender as relações espaço-temporais e as dinâmicas sociais que nos levam as significações contextuais. E compreender também como se deu a ancoragem dos signos desse contexto na materialização destes significados em roupas e acessórios conferindo assim a aparência estudada. Já como aporte teórico para a análise, escolhemos uma base semiótica Peirceana e Darrasiana⁸ que possibilitou analisar as imagens, entender esse percurso gerativo de hábitos e *habitus*⁹ e cruzar com os dados históricos para assim termos o nosso relógio metabólico de significações¹⁰, como se pode evidenciar no gráfico abaixo:

⁴ M.T. Lopes (2014)

⁵ “A formação do olhar, o design de moda e a história da moda como argumento para a emancipação feminina

⁶ Hobsbawn, E. (1995)

⁷ Harvey, D. (1999)

⁸ Darras, B. (2012)

⁹ Bourdieu, P. (1999)

¹⁰ Darras, B. (2012)



16º

COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

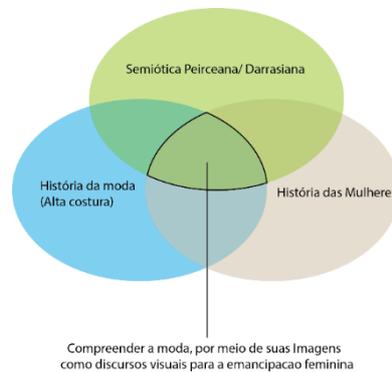
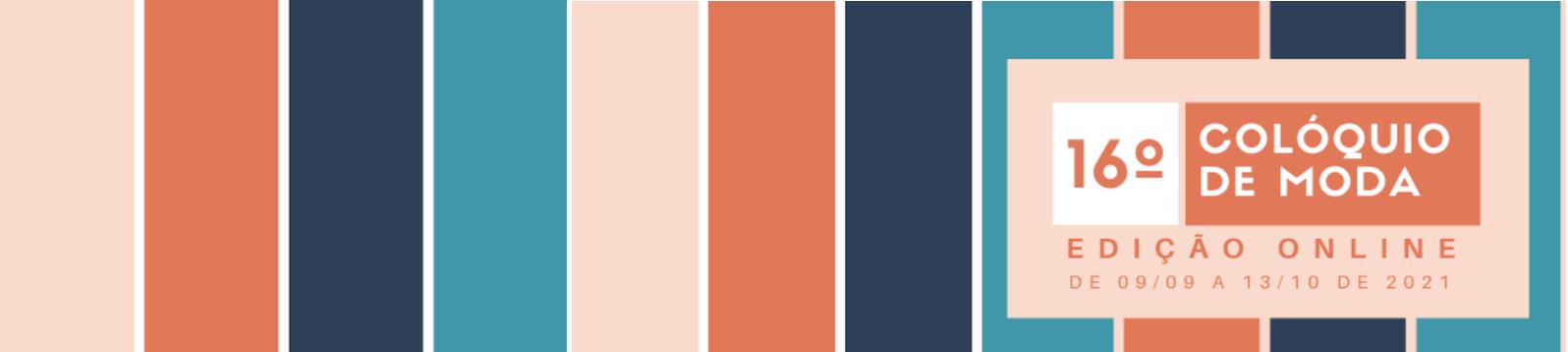


Gráfico 01: contexto do objeto de estudo

Assim, compreende-se que o local epistemológico de argumentações acima desenhado prevê que o mais importante neste estudo é o levantamento da coleção de signos, significantes, significados e produções de sentidos e as narrativas que as roupas femininas, obras de estilo e valor de aparência, podem ser compreendidas como âncoras e materialização dos pensamentos vigentes para a emancipação feminina. Elementos estes que decantam em aparência a imaterialidade do espírito do tempo.

Em 2016, falamos sobre Worth, Poiret, Dior, Yves Saint Laurent e como o olhar masculino vestia os corpos da expectativa de aparência do que era por esses homens dito como feminino, corporificado e gendrado como mulher. Neste estudo que agora apresentamos-lhes, abordamos a relação do olhar feminino criando para o corpo e o gênero femininos e as mudanças que isso gerou nas imagens de moda e, por conseguinte, na aparência do feminino vigente. Escolhemos tomar como estudo de caso uma linha do tempo para a análise desses corpos vestidos, tomando assim o metabolismo de significados da obra de estilistas, no período citado, para evidenciar essa assertiva de que a moda era um dos discursos visuais para essas mulheres exercerem e materializarem a sua emancipação.



16º

COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

Assim, como objetivo geral temos a possibilidade de se compreender como a moda (alta costura 1870-1980), enquanto linguagem para os corpos e o gênero femininos, funcionou como discurso visual para a emancipação feminina.

Já como objetivos específicos temos o que está elencado abaixo:

1. Apresentar as estilistas e obra como reflexo da pós-modernidade;
2. Compreender o processo histórico e de significação em que estas estilistas estavam envolvidas;
3. Entender a emancipação feminina também como um fenômeno de moda;
4. Discutir a moda como um argumento/processo de emancipação feminina;
5. Compreender o metabolismo de significados (Peirce/Darras) das obras escolhidas;
6. Apresentar o mapa de significação
7. Discutir o que é relevante para a formação do olhar dos alunos da disciplina de História e Estética dos Estilistas;
8. Compreender o que é a aparência do que era dito feminino.

Assim, se pode apresentar a pergunta de pesquisa:

Como a moda feminina funcionou ao longo do período de 1870 a 1970, como argumento semiótico para a emancipação feminina?

Cuja resposta podemos adiantar que está no valor da mobilidade ergonômica como resposta as novas pragmáticas urbanas e social de acesso a realidade das ruas e de saída da ambiência doméstica, cuja carga simbólica está na relação de liberdade e de fragilização dos signos da vida caseira e indicial de emancipação; produzindo um sentido de abertura de perspectivas e de uma semiosfera para o domínio dos ambientes e objetos externos as vicissitudes domésticas.

Pode-se então passar para a fundamentação teórica, que tem suas bases epistêmicas em três campos fundamentais como já foi apresentado no gráfico 01 acima. Compreendendo-se que para tratar dos argumentos da emancipação feminina – trouxemos



temas como empoderamento feminino e questões de gênero; para compreensão da moda – campos como a sociologia e a história – e para o da significação – a semiótica peirceana.

Entretanto, devido ao espaço restrito deste formato textual iremos trabalhar somente duas questões, extraídas dos objetivos específicos: (a) entender a emancipação feminina também como um fenômeno de moda; e (b) discutir o que é relevante para a formação do olhar dos alunos da disciplina de **História e Estética dos Estilistas – UFPE – CAA** ;

1. Fundamentação Teórica

Assim, retomando alguns pressupostos ainda de 2016, este artigo busca introduzir sua discussão no campo de estudos que pontua a formação do olhar dos estilistas modernos da alta costura¹¹ europeia como um processo histórico e social de deslocamento da identidade/imagem de feminino nos momentos em que eles vigoraram como deflagradores de estilo¹². (M.T.Lopes, 2016)

Adotando-se o conceito de Formação do olhar proposta por M. T. Lopes (2014):

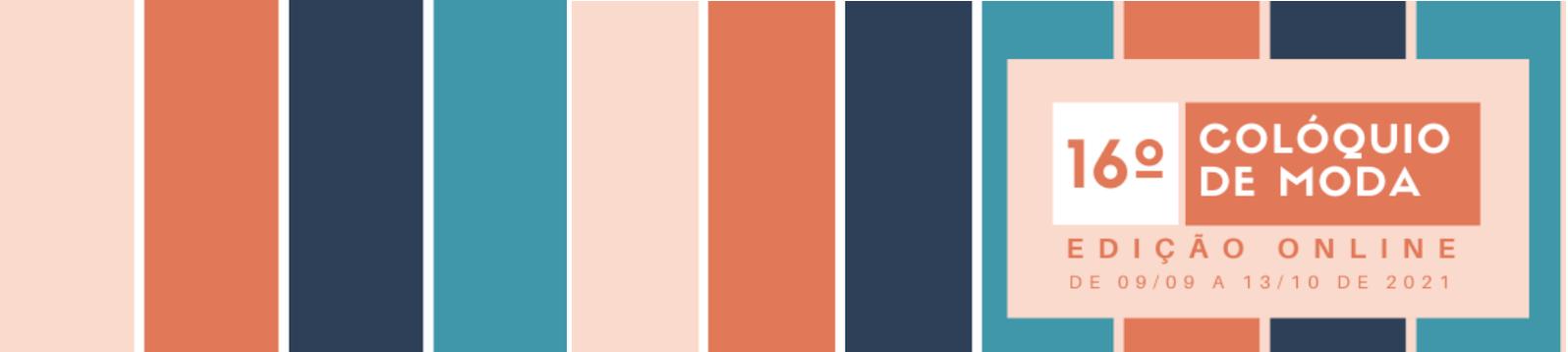
Formação do olhar é um processo de ensino e aprendizagem, que nesse caso depende da figura de um mediador discursivo (no caso um professor), que ocorre por meio do uso e do agenciamento de imagens. Imagens estas que são entendidas como manifestação e materialização em aparência de um discurso visual. Essa formação prevê etapas de leitura, análise e crítica do corpo de significação em que essas imagens se estruturam, que assim se organizam para articular a emancipação da pessoa que faça parte desse processo. (M.T. LOPES, P. 469, 2014)

Para aprofundarmos esse conceito podemos assim trazer a definição de Discurso Visual, da mesma autora, em que ela nos mostra que:

... tomando-se Foucault como referência, começa a ser definido como todos os demais discursos, ou seja, como um ato humano para a sistematização de um organismo de significados, que para existir ancora se em um campo de poder simbólico disciplinar e sobre os sombreamentos prováveis e possíveis com os demais campos. Esse tipo de discurso se caracteriza ainda, assim como os não-visuais, por envolver se em uma vontade de verdade que é ideológica e às vezes política, e revela, como argumento de diferenciação dos não-visuais, a condição

¹¹ Como um fenômeno de moda que se acumula em história e memória da moda global.

¹² Sendo assim, estes estilistas estão nessa posição de deflagração de estilo, como base no argumento do como *trickle down* como processo de adoção de moda e como um comportamento social algo característico da modernidade.



16º

COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

de que a sua manifestação é aparente e por decantação de ideologia em aparência. (LOPES, P.57,2014)

Assim, a autora prossegue:

Outra condição essencial é que a sua vontade de verdade se estabelece no engaste das forças de poder que se instalam entre dois argumentos simbólicos: a materialidade (objetual) e as correntes espirituais (subjetividade). Os discursos visuais requisitam para os seus acontecimentos a percepção por estímulo visual, seus comentários, e estão sob uma ordem ritualista, e por sujeição. Contudo, esse acontecimento é uma ação que é a essência e a existencialidade desse discurso. Trata-se de um espaço subjetivo no qual se concentra uma enorme potencialidade para ações e esforços formadores. (M.T. LOPES, P.57,2014)

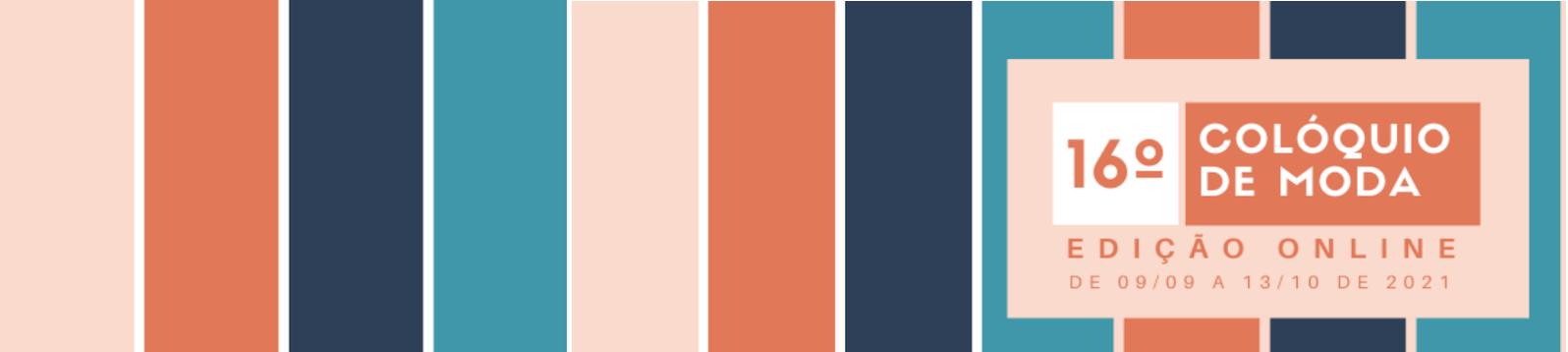
Nesse sentido, podemos compreender que as imagens aqui trabalhadas e as levadas a sala de aula são elementos que farão parte da formação do olhar desses sujeitos e que são de suma importância para a compreensão de que existem discursos e produções de sentidos quando elas são exibidas como conteúdo mediador de ensino e aprendizagem. Elas, as imagens são o ponto comum entre o olhar do professor sobre o conteúdo e a expectativa dos alunos em relação ao que está sendo lecionado.

Assim, compreendido esses dois conceitos basilares para a nossa argumentação podemos prosseguir falando dos temas da nossa fundamentação teórica. Trata-se da emancipação feminina por meio da expressão da moda e da relevância desse tipo de conteúdo a ser ensinado para os alunos de comunicação social e design de moda da UFPE-CAA. Nesse sentido, apresentamos as questões de gênero relacionadas a moda, um pequeno resumo histórico e a apresentação do recorte das estilistas que iremos trabalhar nesse artigo.

2.1 Moda, gênero e emancipação dos corpos

De uma forma generalista e falando da moda das perspectivas dos estudos de gênero, a moda gera uma expectativa de um corpo CIS, na medida em que compreendemos que ela colabora para a produção simbólica gendrada e do sexo e ela tende a busca de estabilização dessa aura – masculina ou feminina – em artefatos que simbolizam e significam e, em muitos casos, normatizam gostos e expectativas – o laço





16º

COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE
DE 09/09 A 13/10 DE 2021

rosa para meninas e o chapéu azul para meninos. Uma roupa, um traje ritualístico ou um acessório pode ter o poder de nomear de masculino ou de feminino um corpo em processo de discurso de si, processo esse que nunca acaba e que precisa ser constantemente reiterado.

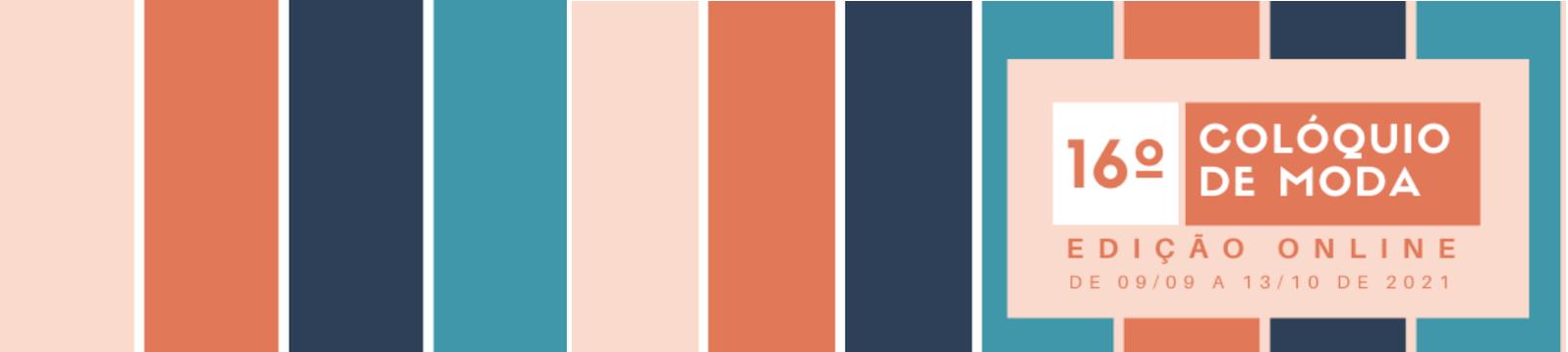
A moda, como fenômeno de significação que atua para dar sentido ao *regime sexual regulador*¹³ que se baseia em um determinado desenho de corpo que ela vem a estandardizar e por também ser um fenômeno de aparência, colabora com essa produção ritualizada do corpo assessorando elementos, artefatos e textos para o consumo, mas sobretudo como um ente capital para o construtivismo dos corpos, por exemplo, a moda vai habitar na segurança heterossexual, assegurando assim o funcionamento de ordens simbólicas como cores, caimentos, marcações de estilo entre outras elementos significantes dessa aparência.

Do ponto de vista das questões de gênero, podemos pensar que roupas, acessórios, maquiagens são assumidos ou apropriados por identificação e que permitem a formação do sujeito, mesmo se levarmos em consideração a escolha na hora da compra, ainda assim existe uma assunção de identidade que fica como pano de fundo dessa ação. E isso acontece a partir do momento em que a moda oferta aparências, artefatos, estilos e modos de vida que são a materialização de discursos circulantes e desenhadores dos corpos. A moda, podemos enfatizar, que é um agente importante no regime da heterossexualidade, também pode ajudar nos processos de desconstrução de preconceitos, quando ela, na mesma medida, oferta objetos de consumo para que as pessoas possam assumir – falamos aqui de assunção lacaniana – seus processos socioculturais e até mesmo políticos de gendramento.

Assim, a moda projeta na superfície dos corpos um campo simbólico, semelhante ou mesmo indicial que assim o é, segundo a formação do olhar dos designers de moda que projetam esse sistema de significados. Entretanto, no corpo feminino esse desenho,

¹³ BUTLER, J. (1993)





16º

COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

vai além dessa externalidade, pois muitos acessórios historicamente como os sapatos de salto alto, os espartilhos, as ancas e criolinas, chegam a interferir biológica e ergonomicamente nesse corpo e não somente no desenho, como também, a depender do nível de assujeitamento, eles comprometem a saúde de quem os porta.

O vestir dá uma sensação de contorno no gênero que está sendo atribuído, ajudando assim na construção de um eu corporificado, e ampliando-se as vezes um eu sexual. Assim, esse sexo dos corpos, pode ser entendido como uma prática ritualizada, não somente normativa, mas construtivista que toma um lugar no tempo, o tempo histórico, e esse sexo será uma produção semiótica. Diante disso podemos afirmar que a moda é uma das formas de se assumir um gênero em questão. Por meio daquilo que se usa temos o poder de dar sentido a uma construção do sexo e também do gênero.

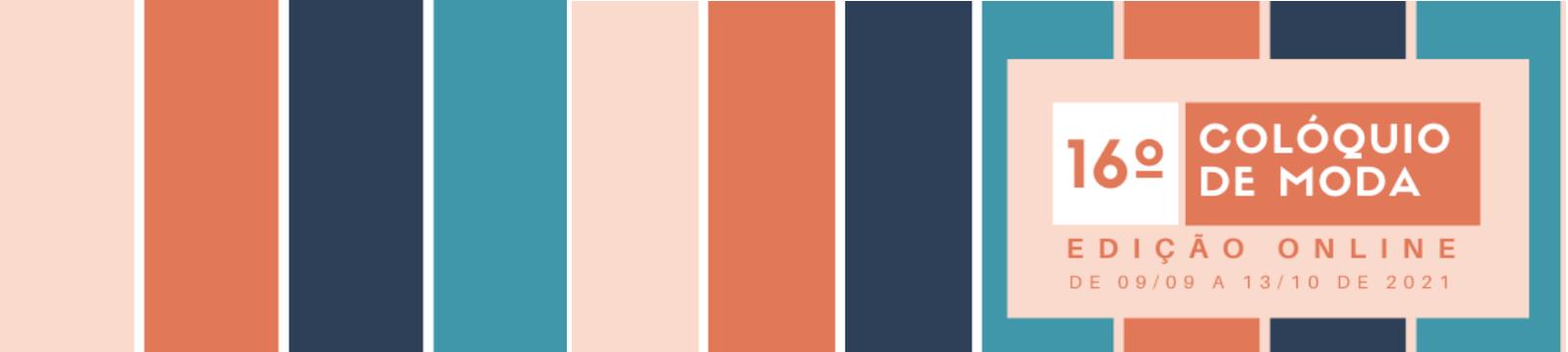
Assim podemos entender que a moda funciona como um discurso visual que produz artificial e simbolicamente a materialidade discursiva do gênero, tanto como texto a ser interpretado como quanto a sua materialidade aparente, aparência essa que será ritualisticamente textualizada e decodificada pelos outros exteriores a esse corpo e na maioria dos casos padronizada como um estilo ou em um artefato.

2.2 Contexto Histórico resumido

O modo com que uma sociedade se veste reflete também o cenário político, social e econômico de uma determinada época, com os grandes acontecimentos históricos, momentos de significativas mudanças em todos esses âmbitos, as mudanças no vestuário são ainda mais evidentes. Seja pela abundância de matéria-prima ou escassez. Para Denise Pollini no século XX aconteceram revoluções e guerras sem precedentes, e é na referida temporalidade que a moda deixa de ser destinada a apenas um grupo específico e chega a outras camadas.

Com as duas grandes guerras e o período entre elas foram evidentemente muito importantes para as mulheres, pois com a saída dos homens para o *front* e da cena urbana





16º

COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

e doméstica, elas, as mulheres puderam experimentar o protagonismo ao passarem a ocupar postos de trabalho (como estilistas, em ateliers, nas fábricas, no comércio etc.) e ao passarem a transitar só pelas ruas. Segundo Perrot (2017; P.19) Entre as duas guerras, as mulheres têm acesso a universidade. E várias delas manifestam interesse pela história das mulheres.

As guerras também trouxeram o desenvolvimento industrial, se existia uma guerra em massa era necessária uma produção em massa que atendesse a essa velocidade, o que acarretou em mudanças na indústria e nos modos de trabalho. O número de homens mortos por causa da Primeira Guerra tem impacto direto e significativo na força de trabalho da época. Com a vacância nesses postos de trabalho e com a necessidade de mão de obra para manutenção da produção industrial e subsidiando a guerra, mulheres são inseridas de modo mais amplo no mercado de trabalho, onde na Primeira Guerra se deu de modo temporário em alguns setores e na Segunda Guerra de modo permanente (HOBSBAWN, 1995). O pós-guerra influenciou também o modo com os indivíduos se expressam através da moda, posterior a Grande Guerra aconteceu na Europa o fenômeno da leveza e celebração da vida, como se os “Anos Loucos”, como ficou conhecido o período durante os anos 20, levasse os horrores vivenciados entre 1914 a 1918 (POLLINI, 2007).

Com esse corpo de mudanças desencadeadas por esse estado de emergência social, as mulheres puderam experimentar um processo de liberação que não poderia deixar a moda do lado de fora. E que resvala em vários aspectos que vão da mais profunda intimidade – seus espartilhos – até as evidências estéticas mais externas como a diminuição da altura da saia. Nesse período, início até meados do século XX, as mulheres estilistas, em conjunto com a sua formação do olhar para com essas outras mulheres comuns não poderiam deixar de refletir em suas coleções de estilos os diversos aspectos desse processo de mudanças e de emancipação.



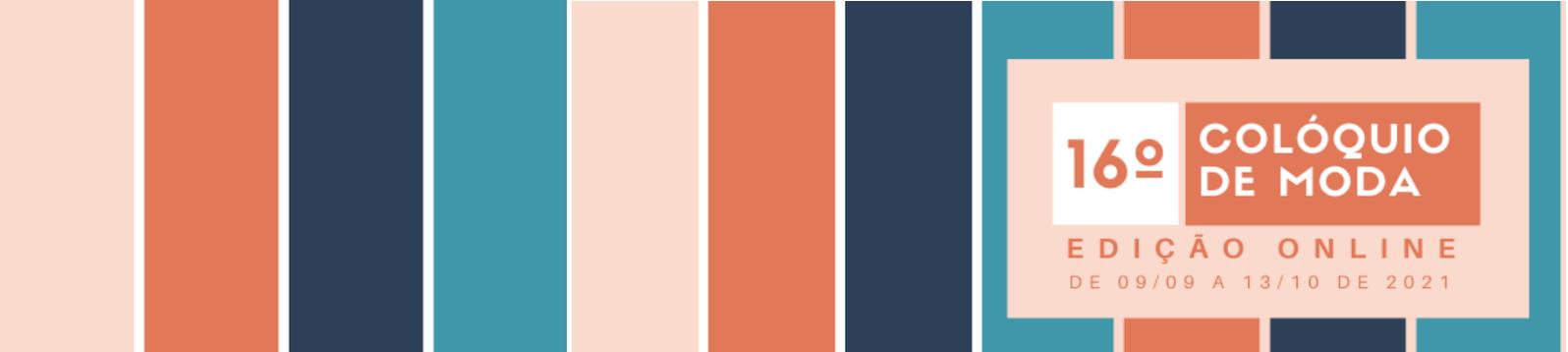
2.3 As estilistas e nossas análises preliminares



Gráfico 02 – linha do tempo de estilos e estilistas

Assim, complementando tudo que fora dito nos dois itens anteriores, podemos chegar na afirmação de que as imagens acima refletem um processo diferente das apresentadas em 2016, seu caráter emancipatório fica claro, aqui as mulheres são agentes da sua emancipação. Mulheres desenham estilos, expectativas e desejos para as próprias mulheres. Deixando uma característica principal: a liberdade ao vestir-se. As mulheres passam a ter mais liberdade na sua mobilidade ergonômica, a marcação da cintura mesmo existente, não possui a intensidade das silhuetas anteriores, notadamente a silhueta S. Isso fica ainda mais evidente em Jeanne Lavin.

Essas imagens são portadoras de uma significação que nos faz perceber que essas estilistas foram agentes de negociação dos desejos das mulheres em cada época em que puderam lançar suas peças, trazendo assim um novo desenho para os corpos femininos, explorando outras possibilidades, como por exemplo a mobilidade e o conforto ao vestir-se. Negociando assim a saída de um olhar masculino, para a passagem a um olhar feminino sobre o vestir das mulheres. Entende-se que isso decorra por uma influência da saída da mulher da ambiência doméstica do período entre guerras e a sua conquista paulatina de novos espaços, notadamente em ambientes de trabalho.



16º

COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE
DE 09/09 A 13/10 DE 2021

Esses são um tipo de vestuário que já incorporam a nova ergonomia das ruas, como a uso de bicicletas, carros, metros e bondes, pois permite a mulher transitar sem a ajuda de outras pessoas e sem as amarras dos opressores espartilhos, por exemplo. A linha de design escolhida por essas mulheres é associada a economia da forma, mesmo com a profusão de tecidos presente em Madeleine Vionnet, esses tecidos são cortados em viés permitindo assim uma maior liberdade para as mulheres portadoras dessa vestimenta.

Como se pode ver na pequena linha do tempo desenhada, no campo da alta costura essas mulheres/estilistas foram na sociedade, na vida cultural e política, observar que as mulheres já não eram mais as mesmas que usavam a silhuete S, as mulheres haviam negociado nas ruas, aparência por aparência, medida por medida a sua emancipação. Até mesmo a identidade com o masculino no ato de vestir, proposta por Gabrielle Chanel, pode ser considerado como um avanço emancipatório para aquele tempo, quando se pode observar o sentido de uma busca pela igualdade nas relações de gênero.

Schiaparelli nos oferta a irreverência e a liberdade de se colocar um sapato na cabeça, e as mulheres poderem usar como um chapéu. Liberdade essa inspirada num lócus muito importante para emancipação que é a arte. O trânsito entre arte e design expõe a liberação feminina no sentido de ela poder se expressar e liberar seu imaginário, de poder usar o que ela quiser e chamar atenção para si, por ela mesma não por dependência do seu cônjuge, ou seja, atender as expectativas do olhar masculino.

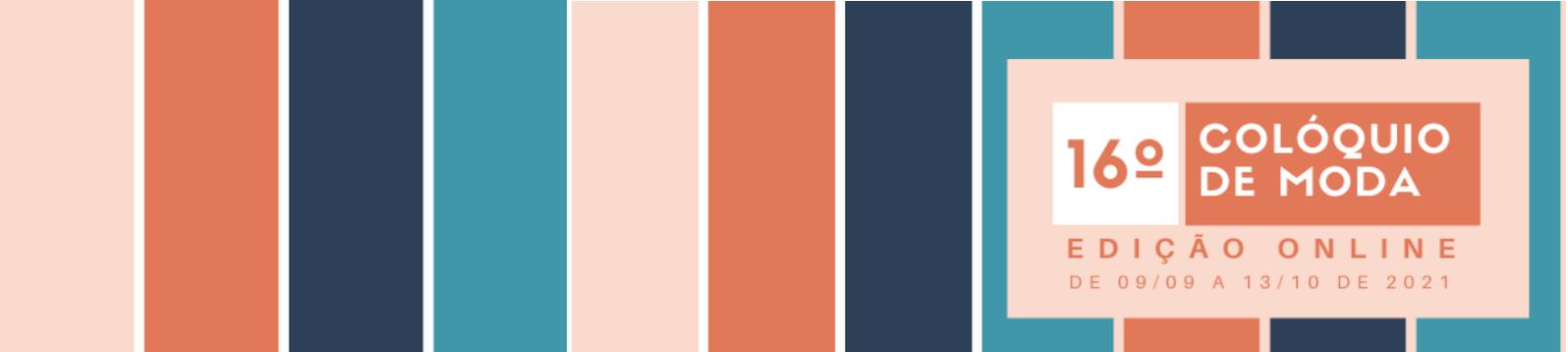
Por fim, podemos compreender que as mulheres estilistas do entre guerras (Schiaparelli, Chanel, Lanvin e Vionnet) trouxeram um discurso visual onde a liberdade de agir e por que não, de pensar era uma realidade que a mulher fora de casa buscava para si. Assim, numa análise inicial essas quatro mulheres trouxeram para a alta costura e, por conseguinte, para a moda conceitos emancipatórios chaves como: Schiaparelli – liberdade de expressão artística e de imaginário; Chanel a liberdade de movimento e o empoderamento pela mimese com o masculino; Lanvin a liberdade de movimento e a maternidade – presente na sua marca e Vionnet, com o viés a liberdade de expressão do corpo e com decotes profundos e cavas e fendas generosas, a exibição dele.



3. Metodologia

Na metodologia desenhada abaixo, que mediou a busca por conhecimento aqui narrada, encontram-se definidas as fases de trabalho da pesquisa, relacionadas com os objetivos e os resultados esperados segundo a tabela abaixo:

Fases da pesquisa	Objetivo da fase	Resultados Esperados
Levantamento da base bibliográfica		
Levantamento bibliográfico	Aprofundar a episteme relativa à compreensão dos objetivos geral e específico.	A compreensão de como história, sociologia e semiótica se articulam para construir os conceitos fundamentais da pesquisa.
Levantamento histórico	Compreender o contexto social em que as estilistas estavam envolvidas.	Ter dados contextuais que complementem o processo de análise.
Levantamento de dados		
Levantamento imagético contemporâneo	Exemplificar as relações de empoderamento feminino	Compreender os diversos discursos visuais que a moda sugere na atualidade;
Recorte imagético da obra de cada estilista	Delimitar o objeto de estudo da pesquisa.	Ter a definição de que imagens serão utilizadas na pesquisa.
Relógio metabólico de significados	Criar o relógio metabólico da obra de cada estilista em separado.	O entendimento dos processos de hábito e mudança de hábito proposto por cada estilista em seu estilo com base no argumento emancipatório.
Análise		
Cruzamentos de dados	Cruzar dados do levantamento histórico com os dados da análise semiótica.	Criar o mapa de significados relativo ao objeto de estudo e levantamento bibliográfico.
Análise do discurso	Extrair o discurso visual das imagens.	
Resultados		



Construção dos conceitos chave para definir como a moda pode ser entendida como um processo de emancipação	Apresentar o nosso entendimento geral do processo de pesquisa, análise e conceitos fundamentais descobertos nesse processo.	Construir os grupos de entendimentos que serão conteúdo da disciplina História e Estética dos Estilistas.
--	---	---

Tabela 01 - Desenho metodológico e as dinâmicas de sentido

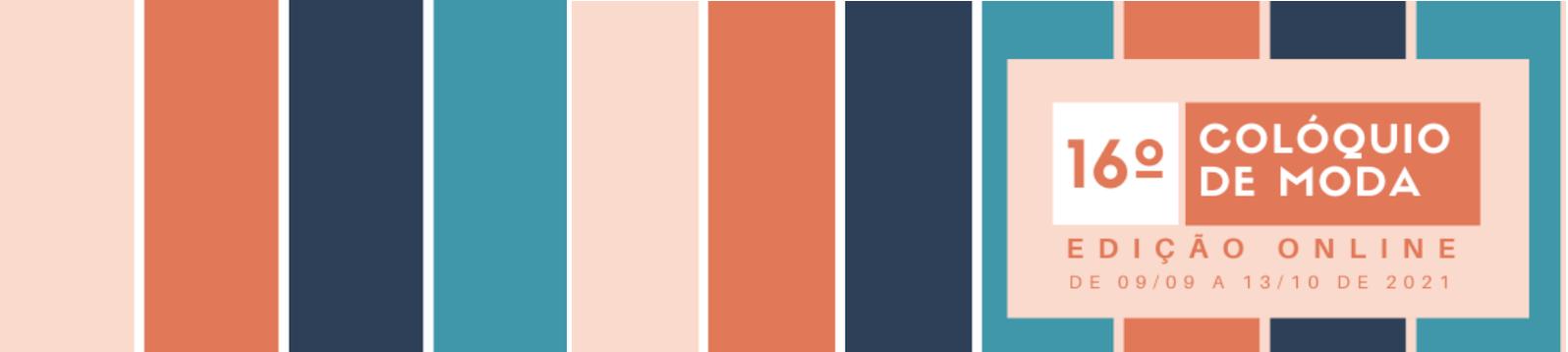
4.Considerações Finais

Por fim, podemos ponderar que a finalidade desse estudo em relação ao ensino de moda é o de aprofundar as relações de ensino e aprendizagem da formação em História e Estética dos Estilistas da UFPE-CAA, e isso se dá na medida em que podemos proporcionar com esse novo olhar uma serie de assertivas para o aprofundamento da mesma, elencadas abaixo:

- a) Se pode gerar um processo de formação contínuo e inovador no âmbito dos dois cursos de comunicação social e design do CAA, pela interdisciplinaridade: comunicação e moda, e assim se promova a ampliação da cultura visual;
- b) Fomentar a discussão da moda e da semiótica como argumento formativo, fazendo-se entender que a formação do olhar está também na história das mulheres;
- c) Trabalhar o design, a moda e a semiótica como instrumentos de crítica, gerando o aprofundamento do olhar formativo dos alunos em questão;
- d) Facilitar o mapeamento dos discursos visuais para a emancipação feminina ao longo do período 1870/1970,
- e) Demonstrar como a moda feminina funcionou ao longo do período de 1870 a 1970, como argumento semiótico para a emancipação feminina, e por fim;
- f) Mudar o viés de aprofundamento, incluindo as questões dos estudos de gênero aliadas as questões estéticas e históricas.

Assim, podemos concluir esse artigo enfatizando que de um modo geral, na ciência hoje, reside uma grande importância na ação interdisciplinar dos saberes, ou seja





16º

COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE
DE 09/09 A 13/10 DE 2021

no desenvolvimento de olhar comum sobre questões que caminham em paralelo – como moda e gênero. Acreditamos que isso não só coloca o ensino num paradigma inovador, como também gera uma cena em que protagoniza os alunos e alunas que fazem parte desse processo. Assim trazer esse recorte de gênero e a análise semiótica quanto a emancipação das mulheres vem a colaborar para que se despertem os múltiplos interesses no processo histórico que é narrado na disciplina e que funciona como base para o processo de aprendizagem, ampliando a concepção estética para ética, sociocultural e até mesmo política da moda.

9. Referências bibliográficas

BUTLER, Judith. **Bodies that matter**. On the Discursive Limits of "Sex". New York: Routledge, [1993]

DARRAS, Bernard. **Ensaio de modelização geral das relações humanas com os artefatos Estudo semiótico e sistêmico das interações**. Conferência para o Seminário de Pesquisa em design de Informação. UFPE: Recife, outubro/2012.

FOUCAULT, Michael. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970/ Michael Foucault**. tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. – 23 edição São Paulo: Edições Loyola. 2013

HARVEY, David. (1992). **A condição pós-moderna**. São Paulo: Ed. Loyola.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX**. Editora Companhia das Letras, 1995.

LIPOVETSKY, Gilles. **O Império do Efêmero: a Moda e Seu Destino nas Sociedades Modernas** 1989



LOPES, M.T. **Uma formação do olhar: o design da informação como conteúdo formador dos professores das licenciaturas brasileiras.** UFPE, Recife: 2014. Mimeo. P. 499

PERROT, Michelle (2017). **Minha história das mulheres.** [trad. Angela M.S Correa] , – 2 ed. 4 reimpressão – São Paulo: Contexto.

POLLINI, Denise. **Breve história da moda.** Editora Claridade: São Paulo, 2007.

